

# DIÁSPORA, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS NO ATLÂNTICO:

AS CONTRIBUIÇÕES DE UM AÇORIANO PARA O ENTENDIMENTO DA GEOGRAFIA DO SUL DO BRASIL (1750-1781)

DENISE A. S. DE MOURA\*

**Resumo:** *Na diáspora açoriana podem ser identificados legados na produção e disseminação de conhecimentos geográficos. O entendimento da geografia da América do Sul na segunda metade do século XVIII foi ampliado graças às explorações, mapeamento, levantamento de dados e produção de informações realizadas por um migrante do Faial. De modo geral, a historiografia focaliza a migração de casais e suas formas estáveis de fixação no território de adoção. Mas a diáspora açoriana teve uma leva de emigrados solteiros, como foi o caso de Antonio da Silveira Peixoto. Através de suas cartas, de correspondências oficiais, de funcionários régios e mapas de engenheiros militares será acompanhado o fenômeno da produção e circulação de conhecimentos da geografia do sul do Brasil com o objetivo de contribuir para uma história deste tema mais inclusiva e em interseção com a própria história das migrações.*

**Palavras-chave:** *imigrantes; migrantes; pessoas deslocadas; conhecimento; transferência de conhecimento.*

**Abstract:** *In the Azorean diaspora, legacies in the production and dissemination of geographic knowledge can be identified. The understanding of the geography of South America in the second half of the 18th century was expanded due to the explorations, mapping, data collection and production of information carried out by a migrant from Faial. In general, historiography focuses on the migration of couples and their stable forms of settlement in the adopted territory. However, the Azorean diaspora had a wave of single emigrants, as was the case of Antonio da Silveira Peixoto. Through his letters, official correspondence, royal officials and maps from military engineers, the phenomenon of production and circulation of knowledge on the geography of southern Brazil will be observed with the aim of contributing to a more inclusive history of this topic and in the intersection with the history of migration itself.*

**Keywords:** *immigrants; migrants; displaced persons; knowledge; know-how transfer.*

## INTRODUÇÃO

As diásporas deixaram legados de impacto na produção e disseminação de conhecimentos em diferentes ramos. O conhecimento do interior da América do

---

\* Universidade Estadual Paulista. Email: denise.moura@unesp.br.

Sul, de suas vias terrestres e fluviais foi ampliado através de expedições de mapeamento e exploração realizadas no século XVIII. Algumas delas tiveram a participação de imigrantes dos Açores como exploradores e mapeadores. O estudo do caso de um deles mostra como uma das vias fluviais mais importantes do sul do Brasil, o rio Iguaçu<sup>1</sup>, teve o conhecimento de sua extensão e navegabilidade produzido e levado para escritos e mapas da época através das observações, levantamento de dados e produção de informações realizadas por um migrante do Faial sem formação científica ou técnica formal obtida nas academias militares, onde ocorria a formação dos engenheiros militares, profissionais da cartografia<sup>2</sup>.

Estudos de caso como estes esclarecem sobre os diferentes grupos, experiências e estratégias da diáspora portuguesa e em especial açoriana para o Brasil, tema bem investigado nas últimas décadas<sup>3</sup> e contribui em retrospecto para dar legitimidade e autoridade ao conhecimento produzido por indivíduos sem formação técnico-científica escolar ou acadêmica e migrantes.

No quadro mais amplo da história dos fluxos migratórios ao redor do mundo, documentar trajetórias individuais através de métodos prosopográficos contribui para o enfrentamento de desafios ainda em vigor no entendimento do fenômeno das migrações e da imigração açoriana para o Brasil em particular.

Deve-se aos métodos demográficos os esclarecimentos hoje alcançados em relação à imigração açoriana para o Brasil, seus matizes e o alerta de quanto ainda pode ser feito com os estudos de caso. Entretanto, a migração de casais e famílias açorianas e suas formas estáveis de fixação no território de adoção ainda são mais focalizados e as abordagens individualizadas ou em perspectiva de gênero têm sido anunciadas<sup>4</sup>.

A diáspora açoriana também teve uma leva de emigrados solteiros, como foi o caso de Antonio da Silveira Peixoto, cujas histórias podem ter sido absorvidas pelo modelo da família heterossexual e mesmo invisibilizadas pelos necessários números da demografia, mas que demandam rostos, como admitem especialistas<sup>5</sup>.

Através das cartas escritas por este açoriano, de correspondências das autoridades coloniais e de mapas de engenheiros militares pode ser acompanhado o processo da produção e circulação de conhecimentos da geografia do sul do

---

<sup>1</sup> O nome deste rio deriva do tupi-guarani e significa «muita água» ou «água grande». É o mais extenso afluente do rio Paraná. Nasce no planalto de Curitiba e sua foz é dada no rio Paraná formando uma fronteira natural tripartida entre Brasil-Argentina-Uruguai. Possui 1200 km de extensão.

<sup>2</sup> BUENO, 2011.

<sup>3</sup> ANGELO, 2020.

<sup>4</sup> FRANZEN; 2004; ROSA, SCHEMES, 2022.

<sup>5</sup> RODRIGUES, 2002: 245.

Brasil e pensar o próprio fenômeno da imigração como formador de novos agentes de conhecimento nos países de adoção. A história do conhecimento, usualmente vinculada à história das elites, pode ser um campo de observação de outras categorias sociais e de dar-lhes visibilidade no campo da cognição. No caso específico dos emigrados dos Açores no Brasil, para além de se fixarem no território eles também o produziram em escritos, posteriormente ecoados em mapas.

A história do conhecimento, embora tenha sido sempre uma pauta dos pesquisadores no âmbito da história da ciência, nas duas últimas décadas tem ampliado seu diálogo com historiadores pós-colonialistas e se beneficiado de novos prismas e conceitos, criticando noções de autorias exclusivas na produção técnica, científica, intelectual e as abordagens difusionistas, em favor do entendimento das «zonas de contato» e da circulação<sup>6</sup>.

A «zona de contato» é um ponto de encontro entre agentes portadores de diferentes formações e experiências, sendo um ponto de comunicação interepistêmica<sup>7</sup>. Seus lugares de ocorrência são aqueles convencionalmente não admitidos pela ciência ocidental como portadores de status epistêmico. Na América colonial o mato ou um rio percorrido por soldados de diferentes procedências, emigrados ou locais, indígenas ou afrodescendentes na condição de escravos, com a presença de um engenheiro militar (ou não) e instrumentos técnicos (ou não) são um exemplo desta «zona de contato».

Quanto à circulação do conhecimento produzido, entendida como movimento, mas também transformação no processo de deslocamento, este é um lugar privilegiado para observar as repercussões das ações dos atores sociais, dentre eles os emigrados. Os conhecimentos sobre uma estratégica linha fluvial do sul do Brasil produzidos por um emigrado dos Açores ao circularem para os mapas forjaram e naturalizaram o direito da Coroa portuguesa sobre terras disputadas com a Coroa de Espanha, produziram o espaço de uma capitania e foram também uma estratégia diaspórica. Conhecimento não é entendido neste texto como algo literal, mas como representação conforme propósitos variáveis em seu contexto de produção e circulação.

Estes conceitos teóricos e formas de entendimento foram aplicados ao estudo de caso de um açoriano emigrado para o sul do Brasil nas levas imigratórias do século XVIII, no contexto das disputas geopolíticas entre Portugal e Espanha pela definição de seus limites na América. Neste contexto, um membro da nobreza portuguesa, D. Luís de Sousa Botelho Mourão, 4.º Morgado de Mateus, foi nomeado governador da capitania de São Paulo, cuja extensão territorial compreende o que é hoje o Estado do Paraná. Um dos tópicos de sua agenda era

---

<sup>6</sup> PRATT, 1991; SECORD, 2004: 661-668; BURKE, 2016: 113.

<sup>7</sup> MIGNOLO, 2010: 17.

o de organizar expedições de mapeamento para produzir melhor entendimento do território. Seu governo durou de 1765 a 1775 e as 11 expedições organizadas por ele ocorreram entre 1768-1773. Antonio da Silveira Peixoto comandou uma delas, a do rio Iguaçu.

Assim, na primeira parte do texto é apresentada a figura deste açoriano, com o objetivo de contribuir com um rosto para os números e nas partes dois e três são acompanhados os processos de produção e circulação de seus conhecimentos. Na circulação ocorre a elisão de tantos agentes sociais partícipes da produção de um dado conhecimento, resultando na interpretação equivocada destes terem sido meros informantes dos detentores de formação técnico-científica.

## UM NOBRE INSULAR NO INTERIOR DO BRASIL MERIDIONAL

Investigadores da história dos domínios ultramarinos portugueses e da diáspora açoriana concluíram sobre o papel decisivo de homens e mulheres ilhéus na conquista da soberania portuguesa no Brasil no século XVIII através da ocupação e colonização do território. Já em 1619 chegaram ao Maranhão, alvo dos interesses geopolíticos de franceses e holandeses, 200 casais açorianos. A partir deste episódio, este movimento migratório atingiu fluxo constante pois como observaram alguns autores, aos olhos da Coroa os Açores tornaram-se um «repositório inesgotável de homens que poderiam ser canalizados para a colonização e defesa da fronteira»<sup>8</sup>.

Alguns destes emigrados do arquipélago foram responsáveis por produzir informações para uma das principais ferramentas de fabricação dos estados modernos: as imagens cartográficas. A importância de seus relatos geográficos, tais como os que descreveram o rio Grande do Registro<sup>9</sup>, pode ser demonstrada na sua circulação em diversos formatos entre uma audiência formada por autoridades régias e engenheiros militares.

Desde a publicação na França do mapa e dissertação do geógrafo Guillaume Delisle, em 1720, representando visualmente violações portuguesas da linha de Tordesilhas, Portugal se engajou em um movimento progressivo de produção de mapas das terras de sua fronteira interna com a Espanha na América do Sul.

Os desentendimentos surgidos no terreno entre as comissões demarcatórias de ambas Coroas ibéricas, encarregadas de verificar as fronteiras naturais estipu-

---

<sup>8</sup> CORDEIRO, MADEIRA, 2003: 101-102; RODRIGUES, MADEIRA, 1999: 111.

<sup>9</sup> Na terminologia portuguesa o rio hoje conhecido como Iguaçu era chamado Rio Grande do Registro, em virtude do registro régio instalado na altura da vila de Curitiba onde era cobrado o tributo sobre a passagem de animais cavale e muares Iguaçu é um vocábulo proveniente do Tupi Guarani, significa «água grande», sendo comumente empregado pelos espanhóis. Cf. <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/iguacu/>.

ladas pelo Tratado de Madrid (1750), foram fator desencadeante de reformulações político-administrativas no sul do Brasil, com a instalação de governadores em capitânicas geograficamente favoráveis para a penetração no território, tais como malhas de rios ou caminhos. Tais governadores foram encarregados de consolidar a soberania portuguesa território adentro do centro-sul, como foi o caso de D. Luís de Sousa Botelho Mourão na capitania de São Paulo.

Esta região era formada por uma rede de vias terrestres e fluviais estratégicas para a penetração em direção às terras disputadas, demarcadas já na ocasião do Tratado de Madrid pela fronteira natural do rio Paraná, cujo principal afluente era o rio Iguaçu<sup>10</sup>.

Peso exagerado foi atribuído à questão militar na agenda deste governador, quando esta buscou superar os déficits cartográficos portugueses<sup>11</sup>. O exercício do mapeamento e da cartografia ocorria dentro da atividade militar. O engenheiro militar, formado nas academias militares, era também geógrafo e um criador de mapas. A recolha de dados no terreno para esta confecção ocorria através dos Regimentos, formados por «[a]ventureiros habituados à vida dos sertões (interior)», comandados por oficiais que arcavam com os custos de seus pagamentos<sup>12</sup>. Uma das principais orientações dadas aos oficiais foi descrever o território<sup>13</sup>.

Seguindo os passos de Silveira Peixoto na documentação paroquial vê-se que sua entrada no Brasil ocorreu justamente nesta conjuntura de maior necessidade de observadores do território munidos de habilidades para descrevê-lo, formando assim relações geográficas para um público específico como o do servidor do Império situado na colônia ou em Lisboa. Tais escritos deveriam ser consistentes o suficiente para os prover de informações para imaginarem o território e, conseqüentemente, as fronteiras internas na América.

Este açoriano seguramente não era um engenheiro militar de formação, pois em um auto de justificação feito em 1781, com o objetivo de produzir um documento oficial para futuras petições à rainha D. Maria, em nenhum momento mencionou este qualificador, dizendo e confirmando por documentação ser um aparentado da «principal nobreza das Ilhas dos Açores»<sup>14</sup>.

Seu nascimento havia ocorrido em 1737 na paróquia de Santa Catarina do Castelo Branco, numa das ilhas do centro do arquipélago, a ilha do Faial<sup>15</sup>. Seu auto de justificação é rico em dados sobre sua vida, como a informação de ter

---

<sup>10</sup> [Ofício do governador de São Paulo para o conde de Oeiras...], 1770.

<sup>11</sup> BELLOTTO, 2007; MOURA, 2022.

<sup>12</sup> MOURA, 2022: 62.

<sup>13</sup> [Expedição q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceção de Cayacanga...], 1769.

<sup>14</sup> [Requerimento do capitão António da Silveira Peixoto...], 1781.

<sup>15</sup> Conforme informações levantadas pela pesquisadora Maria Norberta Amorim em registros paroquiais e gentilmente cedidos para esta pesquisa.

residido no Rio Grande em 1762, quando foi obrigado a migrar para a vila de Paranaguá fugindo da invasão das tropas castelhanas. Nesta ocasião estava com 25 anos e nesta vila litorânea tinha loja de fazendas secas e arrematou o contrato de subsídios. Saiu em expedição em outubro de 1769 e em janeiro de 1770 recebeu carta patente de capitão concedida pelo governador D. Luís de Sousa<sup>16</sup>. Sua trajetória nega afirmações generalizantes sobre a condição de pobreza dos ilhéus emigrados e aponta para um quadro mais diverso<sup>17</sup>.

O fenômeno da imigração, açoriana em especial, é abordado em seu comportamento unidirecional e sedimentador de comunidades regionais no território de adoção que reinventam suas tradições como uma das estratégias diaspóricas, visando inserção social e sobrevivência material e identitária. Nas trajetórias individuais e estudos de caso, entretanto, podem ser verificados comportamentos multidirecionais deste fenômeno. Além do Rio Grande do Sul, este açoriano viveu dois outros momentos de deslocamentos internos, dirigindo-se para Paranaguá, uma cidade litorânea e, posteriormente, para a cidade de São Paulo, onde faleceu em 1814 aos 77 anos<sup>18</sup>.

Sua história também ilumina a história da diáspora açoriana para uma região, como São Paulo, que tem recentemente merecido maior atenção dos pesquisadores nos últimos anos<sup>19</sup>. Mas a produção de conhecimentos também foi uma estratégia de inserção social no novo meio.

## PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS COMO EXPERIÊNCIA E OPERAÇÃO SOMÁTICA

Em 1749, ficou concluído o *Mapa dos Confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na América Meridional*, conhecido como *Mapa das Cortes*, documento usado na assinatura do Tratado de Madrid (1750) e peça cartográfica chave e cheia de estratégias geodésicas para favorecer a Coroa portuguesa em extensão territorial em relação a Espanha, principalmente na parte centro-sul do Brasil<sup>20</sup>.

Nesta parte todas as linhas fluviais então propostas pelos portugueses como limites naturais foram representadas com ênfase visual através do recurso estético de ampliação da espessura da linha em relação às de outros rios sem o mesmo atributo geopolítico. No parágrafo 5 do Tratado de Madrid estas linhas eram a do

---

<sup>16</sup> Conforme informações levantadas pela pesquisadora Maria Norberta Amorim em registros paroquiais e gentilmente cedidos para esta pesquisa.

<sup>17</sup> SCOTT, BERUTE, MATOS, *org.*, 2014: 10.

<sup>18</sup> Arquivo Metropolitano de São Paulo. *Livro de Óbitos*. Livro de Óbitos da Catedral da Sé de 1810-1820, pp. 176-178.

<sup>19</sup> GALVANESE, 2022; ANGELO, 2017.

<sup>20</sup> FURTADO, 2012: 525; FERREIRA, 2001: 60-87.

Uruguai até encontrar a do rio Pipiri ou Pequeri, a do Rio Grande de Curitiba ou Iguaçu até o rio Paraná<sup>21</sup>.

No *Mapa das Cortes* o topônimo rio Iguaçu prevaleceu e foi enunciado o topônimo de apenas um afluente, o Pequeri, que interligava o rio Uruguai ao Iguaçu. Ao desaguar no Iguaçu, este corria a ocidente em direção ao Paraná, formando o contorno de um limite fluvial, no qual Portugal e Espanha teriam direito de navegação cada um em uma margem, conforme destacado na imagem abaixo:



**Fig. 1.** Rio Pequeri entrando a sul no rio Iguaçu e na junção correndo a oeste em direção ao rio Paraná  
Fonte: *Mapa dos confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na América Meridional [...] Mapa das Cortes, 1749.*  
Biblioteca Digital Luso-Brasileira

<sup>21</sup> Disponível em <[https://www.arqnet.pt/portal/portugal/documentos/tratado\\_madrid.html#n1](https://www.arqnet.pt/portal/portugal/documentos/tratado_madrid.html#n1)>.

As verificações em terreno executadas pelas comissões demarcatórias das duas Coroas resultaram em discordâncias em relação a topônimos e cursos destes limites fluviais que, somadas a outros motivos desencadearam a anulação do Tratado de Madrid em 1761 pelo Tratado de El Pardo. Com esta anulação, as incertezas dos direitos e legitimidades da Coroa portuguesa nas terras do sul do Brasil retornaram, impulsionando a necessidade de fomentar o mapeamento da região para gerar descrições geográficas precisas para serem usadas como subsídios para os engenheiros militares criarem mapas embasados e com correspondentes escritos para circularem entre os servidores régios de modo a provê-los de argumentos para fazer afirmações sobre os direitos territoriais de Portugal.

Se até então o rio Iguazu aparecia nos poucos mapas portugueses sobre esta região com esta terminologia — inclusive no Tratado de Madrid — no projeto de mapeamento do governador da capitania de São Paulo tornou-se rio Grande de Curitiba ou rio Grande do Registro, em referência à antiga passagem onde estava instalado o posto fiscal para pagamento do tributo régio português sobre os animais cavaleares e muares dirigidos para as feiras de Sorocaba.

Como expressado a Silveira Peixoto, o objetivo da expedição sob seu comando era de «procurar o caminho ou por terra, ou por agoa por onde se possa chegar com mais comodidade até a barra que este Rio Grande do Registro faz no Paraná»<sup>22</sup>.

E assim este açoriano se envolveu na produção do conhecimento, mas também na produção deste rio como rio Grande de Curitiba ou rio Grande do Registro entre outubro de 1769 e outubro de 1770, quando concluiu sua jornada. A descrição detalhada de seu curso na nomenclatura portuguesa era uma estratégia geopolítica para a consolidação de uma soberania submetida à dúvida. Ao longo de sua navegação catalogou direções, dimensões de cada trecho, avaliou o comportamento das águas e identificou obstáculos para o entendimento de seu curso e navegação.

Na ausência dos instrumentos necessários para a identificação das direções corretas nos deslocamentos terrestres e fluviais, tais como a bússola, em momento algum referida em seu diário, o recurso utilizado por Silveira Peixoto foi o compartilhamento de sensações em campo. Assim, em um trecho do rio subiu em um pau para observá-lo e «todos os camaradas assentamos que o dito rio para baixo corria ao norte, e íamos mal guiados»<sup>23</sup>. Este era um procedimento cognitivo próprio dos povos nativos de várias partes do globo, mediado por sensações derivadas da observação a olho nu, cujas impressões ao serem trocadas coletivamente procuravam minimizar os riscos de direções equivocadas que no meio natural poderiam ser fatais.

---

<sup>22</sup> [Expedição q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceção de Cayacanga ...], 1769.

<sup>23</sup> [Expedição q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceção de Cayacanga ...], 1769.

Estudiosos da cartografia e geografia povos constataram que estes desenvolveram «visão telescópica» tanto para observações astronômicas como topográficas<sup>24</sup>. O uso deste método pressupõe um modo de existência holístico destes povos em relação ao meio terrestre e celeste e ao entrar em uma zona de contato cultural como a fronteira interna do Brasil, Antonio da Silveira Peixoto incorporou este modo de existir, habilitando-se para aplicar seus métodos com êxito.

Mais do que levantar informações geográficas para fornecer aos servidores régios, Silveira Peixoto as coletava, verificava e corrigia como fez com um mapa acusado por ele de ter sido a razão de seus enganos na marcha<sup>25</sup>. Também questionava baseado em sua experiência os discursos de autoridade dos antigos entrantes<sup>26</sup>.

Silveira Peixoto demonstrava a sua agência na produção do conhecimento do rio Grande de Curitiba ao nomear seus tributários. Nas ordens que levava fora instruído pelas determinações do governador de dar nome a tudo, sendo as nominatas «como os do Reyno» e esta orientação foi reforçada ainda por Afonso Botelho, comandante-geral da expedição. Os lugares notáveis deviam ser chamados com os nomes das autoridades régias<sup>27</sup>.

Na medida em que processos de conhecimento são fenômenos dinâmicos, caracterizados por trocas de saberes e circunstâncias vividas em loco, na prática este açoriano não meramente se limitou a aplicar orientações recebidas, mas nomeou de acordo com suas experiências vividas no caminho. Foi assim que ao pousar juntamente com a tropa que o acompanhava ao pé de um ribeirão muito «turbo» (opaco) colocou-lhe o nome de Ribeirão Turbo e ao passarem um ribeirão «com uns poucos de pinhos finos que há muitos dias não [viam] pinhos, e lhe fica o nome Rio dos Pinhos<sup>28</sup>.

A toponímia de fato tem uma dimensão geopolítica, pois um dos objetivos da produção do conhecimento do rio Grande do Registro era também uma maneira de o produzir como parte do território de soberania portuguesa. Entretanto no plano do terreno esta dimensão se diluía na agência de entrantes, alguns deles emigrados. Suas descrições de um espaço geográfico observado através de seus instrumentos somáticos circularam e foram usadas não só por eles próprios, em circunstâncias de seus interesses, mas também por servidores régios e profissionais da cartografia.

---

<sup>24</sup> HUTOROWICZ, ADLER, 1911: 670.

<sup>25</sup> [PEIXOTO], 1901 [1771]: 393-401.

<sup>26</sup> *Relação de Antonio da Silveira Peixoto*, 1956: 109.

<sup>27</sup> [Listagem de 8 cartas de Afonso Botelho enviadas para Antonio da Silveira Peixoto...], 1769.

<sup>28</sup> *Relação de Antonio da Silveira Peixoto*, 1956: 109-110.

## CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS

Antonio da Silveira Peixoto escreveu suas observações na forma de cartas enviadas periodicamente para o comandante geral das expedições Afonso Botelho. Este, por sua vez, as transformou em uma Relação, contendo a narrativa diária de sua jornada. Pelas respostas dadas ao comandante pode ser pressuposto o teor das cartas de Silveira Peixoto, que misturava aos assuntos de interesse imediato, como a descrição do rio Grande do Registro, todos os tipos de problemas surgidos em uma expedição, desde os infraestruturais aos de relações humanas. Na Relação todas estas questões extrageográficas foram subtraídas.

Este documento foi encaminhado para o conde de Oeiras em julho de 1770 e em janeiro de 1774 foi anexado a um extenso dossiê de 349 páginas formado por Afonso Botelho e oferecido à rainha D. Maria, reunindo uma gama variada de tipos de manuscritos, de ofícios e diários. Em outro momento, sem data registrada, esta mesma Relação foi enviada juntamente com outras em um dossiê para o «Brigadeiro», certamente referindo-se ao engenheiro militar Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria com os dizeres «Para ver o Brigadeiro estas Relações que pode ter alcance dellas alguma nota para acrescentar o seu mapa»<sup>29</sup>.

As 11 expedições não contaram em momento algum com a presença deste engenheiro militar, embora este mantivesse estreita correspondência com o governador D. Luís de Sousa que, considerando o dossiê enviado para o Brigadeiro, certamente pretendia amplificar e revestir de maior dignidade a sua empresa de mapeamento com mapas feitos por um cartógrafo profissional.

Situação muito oposta foi verificada na carta corográfica da capitania de São Paulo, datada de 1791-1792 e produzida pelo engenheiro Antonio Roiz Montesiño por ordem do governador da capitania Bernardo José de Lorena.

Avaliando a legenda descritiva na lateral direita superior e o cartucho ornamentado na lateral direita inferior, vê-se que esta é uma imagem cartográfica herdeira dos artefatos e contexto da época das expedições demarcatórias do Tratado de Madrid e das expedições de mapeamento organizadas por D. Luís de Sousa. Seu propósito é o de exibir os limites da capitania de São Paulo em relação a outras capitanias e aos domínios de Espanha. Gráficamente este objetivo aparece na *Explicação dos Signaes*, conforme escrito no cartucho: a linha pontilhada com ponto representaria as fronteiras com os domínios de Espanha e o pontilhado exclusivamente assinalaria as fronteiras com outras capitanias.

---

<sup>29</sup> Documentos respectivamente em Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia. AHU, Cx. 27, D. 2547; Biblioteca Nacional - Brasil (RJ). *Coleção Morgado de Mateus*. Doc. n.º 09,3,014; Fundação da Casa de Mateus. Doc. n.º 1040.01.



**Fig. 2.** *Mapa Corográfico da Capitania de São Paulo, 1791-1792*

Fonte: Coleção João Baptista de Campos Aguirra. Museu Paulista, 1-05217-0000-0000

Na legenda descritiva, sob o título *Explicações do Mapa*, são listados todos os pontos da capitania observados por engenheiros militares. É dado crédito às observações da vila de Guaratuba, no litoral, ao próprio autor da carta corográfica, Antonio Matozinho. O rio Tietê havia sido observado pelo astrônomo do rei Francisco José de Lacerda. A «parte do Paraná donde se encontra o rio Pardo athe as Sete Quedas [fora] fora observada em [ilegível] pelo Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria». Ao final da listagem, que prossegue tratando de outros pontos da capitania, foi informado que «todos os documentos que [provavam] as referidas divisões [estavam] na Secretaria de Governo», instituição da capitania de São Paulo na qual são conservados todos os manuscritos das expedições de mapeamento organizadas por D. Luís.

Embora o rio Iguaçu não seja mencionado na listagem da legenda descritiva, na representação visual possui proeminência. Toda a malha fluvial que corria em direção ao rio Paraná, assim como seus nomes, estão visualmente destacados com linha de espessura ampliada. Na legenda descritiva a figura de Antonio da Silveira Peixoto, um não profissional da cartografia, está elidida. Esta parte do mapa deu visibilidade e reconheceu as ações dos engenheiros militares e listou apenas os lugares visitados, percorridos e observados por eles.

O rio Grande de Curitiba, como dito acima, não contou com a presença de qualquer um deles em todo o seu percurso. Quando esta representação visual é cruzada com a Relação de Antonio da Silveira Peixoto são identificados vários sinais da atuação deste açoriano. Sua missão, como visto acima, era a de produzir um rio do Registro, desfigurando o rio Iguaçu para os espanhóis. O costume pode ter impedido a supressão deste último nome, mas no mapa o projeto do governador e a ação do açoriano aparece na frase «Rio Iguaçu ou Rio Grande de Curitiba».

Toda a linha do rio Iguaçu está representada, desde a vila de São José, nas proximidades de Curitiba, mas principalmente passando pelo registro de Curitiba, identificado por um sinal de edificação, significando o posto fiscal régio. Deste ainda sai uma linha pontilhada que termina na vila de Sorocaba, onde era negociado o gado muar e cavalar que obrigatoriamente passava por este posto.

Todos os pontos deste rio que davam acesso ao interior da capitania estão assinalados com pontilhados. Dois portos fluviais mencionados na Relação — Vitória e Cayacanga — estão indicados na linha do rio. Por fim, a menção ao ribeirão Santo António também aparece na imagem cartográfica.

Até então inexistia uma noção clara de que o rio Pepiri-guaçu não fazia foz no rio Iguaçu, como mostrou o parágrafo 5 do Tratado de Madrid. Na continuidade desse rio havia um outro, o Santo António, chamado Ribeirão pelo açoriano. Na ligação do rio Santo António-Pepiri-guaçu era dado acesso do rio Grande de Curitiba ou Iguaçu com o Uruguai e deste modo a Coroa portuguesa assegurava o direito de navegação de uma das margens do Uruguai, lançado no parágrafo 8 do Tratado de Santo Ildefonso (1777)<sup>30</sup>.

Em 1781 todo o conhecimento do curso e navegação de um dos principais afluentes do rio Paraná retornou para Antonio da Silveira Peixoto revestido de outro significado, sendo aplicado em seu próprio benefício como uma moeda peticionária na lógica do Antigo Regime português. Em seu auto de justificação para obter patente militar e soldo alegou ter empregado todos os esforços «para os descobrir e reconhecer os vastíssimos sertões do Tibagi aonde nunca tinham os nossos penetrados [...] conquistando assim em treze meses de marcha quatrocentos e vinte leguas de terrenos para este Reino [...] no ultimo Tratado de Limites com a Hespanha [...]»<sup>31</sup>. No circuito de produção e circulação de conhecimento geográfico de uma região estratégias geopolíticas eram tecidas pelos Estados, também os imigrantes costuravam as de caráter diaspórico, abrindo para si próprio um horizonte de inserção no meio de adoção.

---

<sup>30</sup> Disponível em <[https://pt.wikisource.org/wiki/Primeiro\\_Tratado\\_de\\_Santo\\_Ildefonso\\_\(ortografia\\_atualizada\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Primeiro_Tratado_de_Santo_Ildefonso_(ortografia_atualizada))>.

<sup>31</sup> [Requerimento do capitão António da Silveira Peixoto...], 1781.

## CONCLUSÃO

Este texto se apoiou no estudo de caso de um emigrado do Faial para compreender um processo de produção-comunicação-circulação de conhecimento geográfico. Neste circuito ocorreram estratégias geopolíticas e diaspóricas. Os emigrados foram novos agentes de conhecimento nos locais onde se estabeleceram, como ocorreu no Brasil meridional. No século XVIII, havia uma demanda por conhecimento geográfico dos domínios ibéricos nesta região devido às disputas geopolíticas ibéricas por definição de fronteiras, abrindo um canal para a inserção social do emigrado em expedições de mapeamento e exploração.

## ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E FONTES

### Biblioteca Digital Luso-Brasileira

MAPA dos confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na América Meridional [...] Mapa das Cortes. «Biblioteca digital luso-brasileira». 1749. [Consult. 18 ago. 2023]. Disponível em <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/15346>>.

### Biblioteca Digital da UNESP

[PEIXOTO, Antonio da Silveira] (1901 [1771]). *Cópia da Carta do Capitão Silveira Peixoto a Pedro José Soares* [de Figueiredo Sarmento], *Governador da Colonia do Sacramento, etc.* In ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo*. São Paulo: Typographia Andrade & Mello, vol. 34, pp. 393-401.

### Biblioteca Nacional – Brasil (RJ)

SOUZA, Afonso Botelho de Sampaio e (1774). *Noticia da Conquista, e Descobrimto dos Certõens do Tibagy na Capitania de S. Paulo, no governo do General D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, conforme as Ordeñs de Sua Magestade. Offerecido à Raynha N. Sñra. Por Affonso Botelho de S. Payo, e Souza (...) principiando no anno de 1768 athé o de 17(74)* [Manuscrito]. [Acampamento da Esperança]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. 09,3,014 - Manuscritos. Disponível em < [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1461596/mss1461596.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1461596/mss1461596.pdf)>.

SOUZA, Afonso Botelho de Sampaio e (1956). *Introdução*. In SOUZA, Afonso Botelho de Sampaio e. *Noticia da Conquista, e Descobrimto dos Certõens do Tibagy na Capitania de S. Paulo, no governo do General D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, conforme as Ordeñs de Sua Magestade. Offerecido à Raynha N. Sñra. Por Affonso Botelho de S. Payo, e Souza (...) principiando no anno de 1768 athé o de 17(74)* «Anais da Biblioteca Nacional». 76, 178 (180).

### Arquivo Histórico Ultramarino

[OFÍCIO do governador de São Paulo para o conde de Oeiras, comunicando ter recebido do ajudante de ordens Afonso Botelho [...] uma carta expedida de Paranaguá em 9 (de 1770) com informa-

*ções sobre a expedição do capitão Antonio da Silveira Peixoto*] [Manuscrito] 4 de julho de 1770. Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia. AHU, Cx. 27, D. 2547.

[REQUERIMENTO do capitão António da Silveira Peixoto ao (ouvidor geral do Cível, Manuel de Albuquerque e Melo) pedindo a justificação dos seguintes itens...] [Manuscrito]. 13 de outubro de 1781. Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia. AHU, Cx. 35, D. 2994.

### Fundação da Casa de Mateus

[EXPEDIÇÃO q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceição de Cayacanga por ordem do Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> senhor D. Luis de Sousa Botelho Mourão (...) para efeito de navegar pelo rio do Registro abaixo, sendo comandante da dita Expedição o Cap<sup>o</sup> Antonio da Silveira Peixoto (...)] 28 de setembro de 1769] [Manuscrito]. 28 de setembro de 1769. Doc. n.º 1040.32.

[LISTAGEM de 8 cartas de Afonso Botelho enviadas para Antonio da Silveira Peixoto em Cópia das ordens, carta e mais papéis que levou o Capitão Antonio da Sylveyra Peixoto comandante da expedição que partio do porto de Nossa Senhora da Conceição pelo Ryo do Registro abaixo aos 16 de outubro de 1769 pelas duas horas da tarde] [Manuscrito]. 16 de outubro de 1769. Doc. n.º 1040.32.

### Arquivo Metropolitano de São Paulo

Arquivo Metropolitano de São Paulo. *Livro de Óbitos*. Livro de Óbitos da Catedral da Sé de 1810-1820, cota 2-2-30.

RELAÇÃO de Antonio da Silveira Peixoto. In *Notícia da conquista e descobrimento dos Sertões do Tibagi*. «Anais da Biblioteca Nacional». 76 (1956) 108-111. Disponível em <[http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_1956\\_00076.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1956_00076.pdf)>.

## BIBLIOGRAFIA

- ANGELO, Elis Regina Barbosa (2017). *Trajetórias dos imigrantes açorianos em São Paulo: processos de formação, transformação e as ressignificações culturais*. Jundiá: Paco Editorial.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa (2020). *Patrimônio da imigração açoriana em São Paulo: entre memórias, histórias e rituais*. In MONTEIRO, Arle Assumpção; GOMES, Edgar da Silva; AVELINO, Yvone Dias, org. *Tecituras das cidades. História, Memória e Cultura*. São Paulo: EDUC-PIPEq, s. n.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli (2007). *Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo (1765-1775)*. 2.ª ed. São Paulo: Ed. Alameda.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira (2011). *Desenho e designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- BURKE, Peter (2016). *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora UNESP.
- CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida (2003). *A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820). Uma leitura em torno de interesses e vontades*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.ª Série. VII, 99-122.

- FERREIRA, Mário Clemente (2001). *O tratado de Madrid e o Brasil meridional: os trabalhos demarcadores das partidas do sul e a sua produção cartográfica (1749-1761)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- FRANZEN, Beatriz Vasconcelos (2004). *Mulheres açorianas na formação do Rio Grande do Sul*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.ª Série. VIII, 11-20.
- FURTADO, Júnia Ferreira (2012). *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- GALVANESE, Marina Simões (2022). *Imigrantes açorianos na transição da escravatura para o trabalho livre no Brasil (décadas de 1830 e 1840)*. «Revista de História (São Paulo)». 181, 1-36.
- HUTOROWICZ, H. de; ADLER, B. F. (1911). *Maps of Primitive Peoples*. «Bulletin of the American Geographical Society». 43:9, 669-679.
- MIGNOLO, Walter (2010). *Desobediência epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- MOURA, Denise A. Soares de (2022). *Simulacros de Impérios: territórios, mapeamentos e invenção das fronteiras ibero-americanas (século XVIII)*. Cidade de França, SP: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Tese de livre docência.
- RAJ, Kapil (2007). *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- RODRIGUES, José Damião (2002). *Entre duas margens: a circulação atlântica dos açorianos nos séculos XVII e XVIII*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.ª Série. VI, 225-245.
- RODRIGUES, José Damião; MADEIRA, A. B. (1999). *A emigração para o Brasil: as levas de soldados no século XVIII*. In *Portos, escalas e ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*. [Ponta Delgada]: Universidade dos Açores, pp. 109-131.
- ROSA, Leticia Vieira Braga da; SCHEMES, Claudia (2022). *Imigrantes açorianas e o imaginário da mulher gaúcha*. «Revista de História Regional», 27:1, 387-411.
- PRATT, Mary Louise (1991). *Arts of the Contact Zone*. «Profession», 33-40.
- SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro de, org. (2014). *Gentes das ilhas: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 a 1790*. São Leopoldo: Editora Oikos.
- SECORD, James A. (2004). *Knowledge in Transit*. «Isis». 95:4, 654-672.

